

Luís Mário Lopes

Traição

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte
MINISTÉRIO DA CULTURA

Traição

Presidente da República
Dilma Rousseff

Ministra da Cultura
Ana de Hollanda

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES - FUNARTE

Presidente
Antonio Grassi

Diretora Executiva
Myriam Lewin

Diretor do Centro de Artes Cênicas
Antonio Gilberto

Coordenadora de Teatro
Heloisa Vinadé

Diretora do Centro de Programas Integrados
Ana Claudia Souza

Gerente de Edições
Oswaldo Carvalho

Instituto Camões
Presidente
Ana Paula Laborinho

Direção-Geral das Artes
Jorge Barreto Xavier

Teatro Nacional D. Maria II
Presidente do Conselho de Administração
Maria João Brilhante

Traição

Luís Mário Lopes

Copyright©Luís Mário Lopes
Todos os direitos reservados

Fundação Nacional de Artes – Funarte
Rua da Imprensa, 16 – Centro – Cep: 20030-120
Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2279-8071
livraria@funarte.gov.br – funarte.gov.br

Edição
Oswaldo Carvalho

Produção editorial
Jaqueline Lavor Ronca

Produção gráfica
João Carlos Guimarães

Produção executiva
Suelen Teixeira

Capa e programação visual
Eliane Moreira

Foto capa
Jaqueline Lavor Ronca

Revisão
Obra Completa Comunicação

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
FUNARTE / Coordenação de Documentação e Informação

Lopes, Luís Mário.

Traição / Luís Mário Lopes . – Rio de Janeiro :
FUNARTE, 2012.

72 p. ; 21 cm .

Prêmio Luso-brasileiro de teatro.
ISBN 978-85-7507-148-9

1. Teatro brasileiro. I. Título.

CDD B869.2

À Dulce que me fez esquecer da solidão
a que todos estamos condenados.

Idades aproximadas das personagens:

Pedro 1 - 38 anos

Pedro 2 - 38 anos

Ana - 33 anos

Raul - 33 anos

Lena - 30 anos

Mr. World - 52 anos

Nota: os atores que representam Pedro 1 e Pedro 2
devem ser apenas vagamente parecidos.

Escuro.

PEDRO 1: Matei-o. Teve de ser.

PEDRO 2: Não tive alternativa.

I

O palco ilumina-se. Sala da casa. Noite.

Pedro 1 está a ler um livro. Ana entra.

ANA: Que tal estou?

PEDRO 1: Bonita.

ANA: Bonita?

PEDRO 1: Muito bonita.

ANA: Não pareces muito entusiasmado. Dizes que estou bonita só para me agradar.

PEDRO 1: Não é verdade. Acho é que ele não merece que te tenhas arranjado tanto.

ANA: Quem, o Raul? Não me arranjei para o Raul. Arranjei-me para ti. Arranjo-me sempre para ti, mas tu não me ligas nenhuma. Se não pergunto se estou bem, nunca dizes nada.

PEDRO 1: Estás sempre bem.

ANA: Mentiroso. Uma mulher precisa que lhe digam que está bonita. Pelo menos de vez em quando.

PEDRO 1: Mesmo que seja mentira?

ANA: Mesmo que seja mentira, sim... Estás a ver, não estou bem, não é? Estou muito pintada?

PEDRO 1: Não, não estás muito pintada. Estás bem. Muito bem. Só não costumavas ficar tão preocupada com isso.

ANA: Oh, estás com ciúmes.

PEDRO 1: Ciúmes? Eu? De um tipo daqueles? Não faltava mais nada.

ANA: Não sejas assim. Ele não é má pessoa.

PEDRO 1: Como é que podes saber? Não se viam há mais de dez anos, não foi o que disseram?

ANA: Há coisas que não mudam. Ele era bom rapaz.

PEDRO 1: Bom rapaz! A sério, faz-me confusão como é que namoraste com um tipo daqueles, tão diferente de nós.

ANA: Namoro de adolescente. Mas não podes saber se é assim tão diferente. Mal falaste com ele.

PEDRO 1: Nem preciso, deu bem para ver como é.

ANA: É o jeito dele, espalha-brasas. E estava contente por me encontrar. Assim, de repente.

PEDRO 1: Também não percebo porque é que nunca me tinhas falado dele.

ANA: Falado dele?

PEDRO 1: Não sei. Tu é que podes saber.

PEDRO 1: Claro que te falei dele. Falei-te e não te lembras. Nunca prestas atenção ao que digo.

PEDRO 1: Não. Tenho a certeza. Se me tivesses falado, eu lembrava-me.

ANA: Não foi nada de importante, mas de certeza que falei. Foi um dos namoricos depois de ter acabado com o Carlos. Devíamos ter p'raí dezasseis, dezassete anos. Deixa cá ver, terceiro período do décimo ano, sim, dezassete anos. Éramos da mesma turma mas só começámos a namorar depois da Páscoa. Durou pouquinho que vieram logo as férias grandes e sabes como era. Ainda nos voltámos a ver uma ou outra vez mas depois... Mas havias de ver, as minhas colegas ficaram todas invejosas, andavam todas atrás dele. E ele era todo convencido.

PEDRO 1: Não mudou nada, então. Nem cinco minutos de conversa e fez saber que é o melhor piloto intercontinental de sempre, que já esteve em todos os sítios que interessam, que é amigo deste, daquele e daqueloutro, tudo gente importante...

ANA: Estás a exagerar. Ele não disse nada disso.

PEDRO 1: Tudo lhe corre bem e faz sempre as melhores escolhas, tem o melhor carro do mundo, casou-se com a melhor mulher do mundo e logo havia de convencer-se de que a melhor casa do mundo é a casa ao lado da nossa. É mesmo azar.

ANA: Não sejas assim, Pedro.

PEDRO 1: Não sei porque é que os convidaste para virem cá.

ANA: Era o mínimo. Um copo de boas-vindas, mais nada. Vais

ver que são bons vizinhos... E estou curiosa por ver como ela é, a tal Lena, a mulher dele.

PEDRO 1: Imagino! Deve ser cá um figurão.

Escuro.

O palco ilumina-se de novo. Pedro 1, Ana, Raul e Lena.

Uma garrafa de champagne sobre a mesa de apoio.

LENA: Que inveja, a vossa casa é tão acolhedora. A nossa está cheia de caixotes por todo o lado. Não sei das minhas coisas, é terrível.

RAUL: É só um dia ou dois, Bebé. Contratei uma daquelas empresas que se encarrega de colocar tudo em ordem, sabem? Não precisamos nos preocupar com nada.

ANA: As mudanças são sempre complicadas. Também detesto, mas às vezes tem mesmo de ser, não há outra maneira. Nós já aqui estamos há três anos... Três ou quatro, Pedro?

PEDRO 1: Fez quatro anos.

ANA: Caramba, parece que foi ontem. Mudámo-nos há quatro anos e ainda há coisas que estão por arrumar como deve ser. Coisas em que nunca mais toquei. Isto para não falar de outras que tenho a certeza que se perderam.

LENA: Oh, meu Deus, é horrível.

RAUL: Até é bom, uma espécie de limpeza: o destino a encarregar-se de escolher aquilo de que podemos prescindir.

LENA: Eu não quero que me desapareça nada.

RAUL: Nem vai desaparecer, Bebé. Está tudo sob controlo.

LENA: Dizes sempre isso e depois...

RAUL: Não tens por que te queixar...

ANA: Vais à cozinha, amor? Traz o balde para o champagne, está bem?

PEDRO 1: Sim. Eu levo a garrafa.

ANA: (para Raul) Não precisavas de ter trazido nada.

Pedro 1 sai, levando a garrafa de champagne.

RAUL: Precisava, precisava. Temos de festejar em grande. Uma porrada de anos sem nos vermos, sem sabermos nada de nada um do outro, de repente mudo-me e estás a morar ao meu lado. Claro que é preciso festejar. Coisas como esta acontecem uma vez na vida. Ou nem sequer uma vez.

ANA: Não queria acreditar quando te vi hoje à tarde ali na pra-ceta.

RAUL: Reconheci-te logo. Estás na mesma.

ANA: Que ideia! Já imaginaste: se tivessem passado mais uns anos éramos capazes de estar tão diferentes que ficávamos a viver lado a lado e não nos reconhecíamos?

RAUL: Não, reconhecia-te fosse quando fosse. Ainda há uns tempos cruzei-me com o Chaimite, lembras-te dele?

ANA: O Chaimite?

RAUL: Sim, um da nossa turma que era muito grande e muito gordo.

ANA: O Chaimite, claro. Estava sempre a mascar umas pastilhas de mentol e sentava-se no fundo da sala. Se não ficava na última fila tapava os outros todos.

RAUL: Dizíamos que em vez de se sentar, estacionava (risos).

ANA: Pois era, coitado. Nunca mais voltei a vê-lo. Que é feito dele?

RAUL: Pareceu-me bem, mas não sei, não falámos. Estava a trabalhar num bar onde fomos há uns tempos, um ali para as docas com música árabe.

LENA: O Baba-Bali.

RAUL: Qualquer coisa desse género, não fui muito à bola com aquilo. Quem nos levou lá foi o representante da BMW aqui em Portugal que é meu amigo. Foi ele que me arranjou o carro que vocês viram hoje à tarde. (para Lena) Lembras-te de eu dizer “aquele gajo foi meu colega de escola”? Era este. (para Ana) Já não está tão gordo mas era ele de certeza. Também me reconheceu mas ficámos naquela, sem saber se havíamos de falar-nos ou não. As pessoas acabam sempre por reconhecer-se.

ANA: Não tens como saber. Quando estás frente a frente com um estranho pode bem ser um conhecido que não estejas a reconhecer.

RAUL: Como assim?

ANA: Se duas pessoas não se reconhecem não sabem que não estão a reconhecer-se. Mesmo tu e eu, daqui a uns anos podíamos ser só dois estranhos, um em frente ao outro sem suspeitarmos que já nos tínhamos encontrado antes.

LENA: Como se tivesse sido noutra vida.

ANA: Sim, como se tivesse sido noutra vida.

RAUL: Não, não me convencem. Reconhecer os outros é uma coisa instintiva. E há sempre um pormenor que denuncia, uma coisa qualquer que alerta...

LENA: O Raul diz que o Pedro estuda os astros.

ANA: Sim, é astrofísico. Estuda os astros, as estrelas...

LENA: Oh, deve ser maravilhoso.

ANA: Eu meto-me com ele e digo que ele só se interessa por tudo quanto esteja suficientemente longe.

RAUL: Isso não é bom.

ANA: Mas depois lembro-me da Ana II e perdooo-lhe tudo.

RAUL: Ana II? Quem é a Ana II?

ANA: (risos) Não é ninguém. É uma estrela que o Pedro descobriu há uns anos e na qual pôs o meu nome.

LENA: Que lindo! Adorava ter uma estrela com o meu nome.

ANA: Uma estrela de neutrões. Não sei explicar bem o que é. Para mim tudo isso é misterioso e complicado. Mas sei que é importante.

LENA: Pudera! Uma estrela. Não é qualquer pessoa que descobre uma estrela. E pôr o teu nome...

RAUL: Não há como o cockpit de um avião para se ver um céu estrelado. Já alguma vez estiveste num?

ANA: Não.

RAUL: Temos de combinar. É espectacular. Não admira que haja gente a pagar para ver aquilo que vejo todos os dias. A mim é ao contrário, ainda me pagam por cima. E bem.

ANA: Valia mais que não estivesses tanto tempo fora.

RAUL: Como é que queres que voe para o outro lado do mundo e venha dormir todos os dias a casa? É muito melhor assim: ficar depois com uma quantidade de dias seguidos por nossa conta.

LENA: (piegas) Passam num instante e depois volto a ficar eternidades sozinha. Ainda custa mais. Não acho nada melhor.

ANA: “Então e os filhos?”. Tenho a certeza que estão fartos de ouvir o mesmo que nós: “então e os filhos?”

LENA: Os filhos não servem para enganar a solidão. Não podem servir.

RAUL: A Lena não quer ter filhos e também não faço questão.

LENA: Não tenho feitio para ser mãe. Não sei tomar conta de ninguém. Preciso é que tomem conta de mim.

RAUL: E eu tomo, Bebé. Tomo ou não tomo?

LENA: Não sei. Às vezes não sei se tomas.

RAUL: Claro que tomo... Vocês também não querem ter filhos?

Pedro 1 entra, trazendo a garrafa de champagne dentro do balde de gelo.

ANA: Não. Quero. Queremos. Mas achámos melhor que acabasse primeiro a especialidade. Agora que terminei oncologia, talvez para o ano.

LENA: Também não era capaz de ser médica. Então de cancro nem pensar.

ANA: É, percebo. Ao princípio para mim também não foi fácil. Lidar com o medo da morte, com o sofrimento, é muito complicado. Mesmo sendo de desconhecidos, assistir ao sofrimento não é fácil. Nem à morte. Mas acabamos por habituar-nos. Tem de ser. Temos de focar-nos nas vidas que salvamos, no sofrimento que aliviamos. Senão não conseguimos fazer nada.

LENA: Uma vez li uma coisa, fiquei tão perturbada que nunca mais esqueci, era numa revista qualquer, alguém que dizia que afinal os cancro são células que se recusam a morrer. É mesmo assim?

ANA: Mais ou menos. As células crescem, dividem-se e depois morrem. Se deixarem de saber quando morrer e continuarem a crescer e a dividir-se tornam-se células cancerígenas.

LENA: Oh, é horrível. Pensar que o mundo à nossa volta só pode sobreviver se estivermos disponíveis para morrer. É horrível, horrível, horrível. Eu não estou disponível para morrer.

RAUL: Que ideia, Bebé. Não tens de te preocupar com isso, não és nenhuma célula.

Escuro. O palco ilumina-se de novo. Pedro 1, Ana, Raul e Lena. A garrafa de champagne está ainda fechada, dentro do balde de gelo.

RAUL: Estás a dizer-me que foste convidado para diretor do Instituto e não sabes se vais aceitar? O que é que se passa com o teu marido, Ana?

ANA: Não é assim tão simples. O ministro quer que o Instituto desenvolva o Projeto de Vigilância Global, a maior parte dos investigadores não concorda e o Pedro acha...

RAUL: Acabam por concordar, não te preocupes. Aceitas o convite, pões a coisa a andar e está feito. Podem estrebuchar um bocadinho mas depois passa. Com fatos consumados a questão do concordar ou não concordar já não adianta.

PEDRO 1: Mas eu não concordo.

RAUL: Não concordas com o quê?

PEDRO 1: Com o Projeto de Vigilância Global.

RAUL: Como não concordas?

LENA: Que projeto é esse?

PEDRO 1: Não me parece normal as pessoas passarem a ser vigiadas permanentemente. Não me parece normal nem me parece bem. (para Lena) É essa a ideia do Projeto de Vigilância Global: equipar satélites com câmaras poderosíssimas capazes de registar

tudo o que toda a gente faz a toda a hora. Dentro e fora de casa. Grande ideia, não é?

LENA: Dentro de casa? Como é que isso é possível?

PEDRO 1: Já quase tudo é possível.

ANA: O Ministério quer que Portugal seja o país pioneiro da experiência.

PEDRO 1: Sempre a mesma coisa, pioneiros só do que não presta.

RAUL: Sou mil por cento a favor. É a segurança que está em causa. Não se pode deixar que o crime alastre quando há maneiras de controlá-lo.

PEDRO 1: Mas não são só os criminosos que vão ser vigiados. Toda a gente vai ser vigiada. Toda a gente, o tempo todo. A não ser que toda a gente seja criminosa.

RAUL: Criminosa não digo, mas potencialmente criminosa...

PEDRO 1: Ah, sim, é uma boa desculpa: somos todos selvagens e só vigiados é que conseguimos não ceder aos nossos instintos bárbaros. Não concordo.

RAUL: Mas tu já estás vigiado. Não tenhas dúvidas sobre isso. O que fazes seria bem diferente se não estivesses vigiado. E não estou a falar de câmaras, não estou a falar de familiares, colegas, vizinhos, da sociedade. Estás vigiado por ti mesmo, pelo gajo que queres que os outros vejam em ti.

PEDRO 1: Isso é uma coisa completamente diferente. Podes esco-

lher o que queres que cada um saiba de ti. Tens o direito de seres tu a gerir a tua imagem.

RAUL: E vais continuar a ter. Podes mascarar-te como quiseres que ninguém se importa com isso. Porque quando te passa uma ideia maluca pela cabeça não lhe ligas. E sabes porquê? Porque não queres desiludir a Ana nem a tua família, nem queres passar vergonhas perante nós, perante os vizinhos e os colegas. Já estás vigiado. E dessa vigilância não te queixas.

PEDRO 1: Não me parece que as pessoas não cometam crimes só para não parecerem mal aos amigos. Nem que os criminosos sejam gente sem família nem vizinhos nem colegas.

RAUL: Podem não ser mas quanto menos sozinhos forem mais têm que planear os crimes que cometem e mais facilmente um sistema de vigilância como este os detecta.

ANA: É melhor pensar que mais facilmente os leva a desistirem de os cometer.

RAUL: Mas essa é precisamente a grande vantagem: um sistema como este vai diminuir brutalmente o crime. Se souberes que és apanhado pensas duas vezes antes de fazer um disparate.

PEDRO 1: A minha opinião é que o que deve levar as pessoas a não fazer disparates, como tu dizes, deve ser a vontade de não o fazer e não o medo de o fazer. É bem melhor que a quantidade enorme de dinheiro que se quer investir neste projeto seja utilizada para educar e dar melhores condições de vida às pessoas. De certeza que se acabava mais depressa e de forma mais definitiva com o crime que tanto te preocupa. E não era preciso criar uma sociedade de terror.

RAUL: Terror? Terror porquê? Quem não deve não teme. A mim não me incomoda que tudo o que eu faço seja registado. Não tenho nada a esconder.

PEDRO 1: Todos temos coisas a esconder. Mesmo que não cometas um crime podes não querer que toda a gente saiba tudo o que fazes ou fizeste. Tens esse direito. Eu prefiro uma sociedade de cidadãos responsáveis do que de cidadãos amedrontados. Até porque o medo é um perigo.

RAUL: Isso é tudo muito bonito, essa sociedade da paz e do amor, mas se fosses vítima de um crime ias querer que houvesse registo do crime e que se fizesse justiça. É só para isso que as imagens são precisas. Para mais nada.

PEDRO 1: Não podes ter a certeza disso. A partir do momento que as imagens existem quem te garante que não vão ser usadas para outros fins, que vão ser usadas para expor-te de uma maneira que não queres? É assustador pensar que cada gesto que fazes é um gesto que pode ser público, que deixa de existir a privacidade tal como a conhecemos. Porque esse é que é o grande propósito inconfessado deste maravilhoso Projeto de Vigilância: é que esta maneira de controlar supostamente o crime permite controlar os comportamentos. E é isso que querem que seja feito, é isso que irá ser feito.

RAUL: Não embarco em teorias da conspiração. Se alguém poderoso quer tramar-te, trama-te com vigilância global ou sem vigilância global. Até te digo mais, trama-te mais dificilmente com vigilância global.

LENA: Não gostava nada que houvesse gente a ver tudo o que eu faço.

RAUL: És a última pessoa a poder dizer isso, Bebé. Tu acreditas em Deus, acreditas que Deus vê tudo o que fazes.

LENA: Deus é diferente, Raul. Deus é bom. Deus eu conheço e posso falar com Ele. Quem é essa gente que vai ficar a ver-me?

PEDRO 1: Sim, quem é essa gente?

RAUL: Não há gente nenhuma. Não é ninguém. É uma máquina. Mas há uma coisa que não estou a perceber, se o Ministério quer impor o Projeto de Vigilância Global como é que te convidam a ti para diretor?

ANA: Querem alguém com prestígio entre os investigadores.

PEDRO 1: Devem pensar que me manipulam e que depois eu convenço os outros. Não é um convite inocente. De qualquer maneira do que eu gosto é de fazer investigação.

RAUL: Queres um conselho? Aceita. Aceita e depois logo vês. Para desistir vais sempre a tempo. Vamos abrir o champagne. Comemoramos o nosso reencontro, Ana, e o futuro diretor do Instituto Nacional de Investigação Científica.

PEDRO 1: Não me parece.

II

Cela. Luz artificial. Pedro 2 e Mr. World.

MR. WORLD: Lê-me isto.

PEDRO 2: “Tomou hoje posse como diretor do Instituto Nacional de Investigação Científica o doutor Pedro Pereira Alves. O prestigiado astrofísico assume funções numa altura em que o Instituto atravessa um período conturbado na sequência dos protestos que os investigadores têm levado a cabo contra o Projeto de Vigilância Global, um projeto que o ministério...”. O que é que isto me interessa?

MR. WORLD: Já viste a fotografia?

PEDRO 2: O que é que tem?

MR. WORLD: É igual a ti.

PEDRO 2: Quem?

MR. WORLD: Esse tal Pedro, o novo diretor.

PEDRO 2: Não me parece.

MR. WORLD: Digo-te eu. Saiu-te a sorte grande.

PEDRO 2: O que é que isso quer dizer? Vão libertar-me?

MR. WORLD: Libertar-te? Achas que isto é alguma prisão?

PEDRO 2: Não é?

MR. WORLD: Alguma vez pediste para sair daqui?

PEDRO 2: Sei que não deixam. Não adianta pedir.

MR. WORLD: Há muita gente enganada, gente convencida de coisas que não passam de grandes disparates. Seja como for, já não te adianta pedires... Porque é que isto havia de ser uma prisão? Podia bem ser... sei lá, um laboratório.

PEDRO 2: É um laboratório?

MR. WORLD: Ou outra coisa qualquer. Agora é indiferente.

PEDRO 2: Vou sair daqui?

MR. WORLD: Vais sair daqui. Achas que estás preparado para a missão?

PEDRO 2: Que missão?

MR. WORLD: (ri-se) Pareces mais assustado do que satisfeito.

PEDRO 2: Não me lembro de antes de aqui.

MR. WORLD: Se é que houve antes de aqui.

Escuro.

O palco ilumina-se de novo. Pedro 2 e Mr. World.

Mr. World compõe Pedro 2.

MR. WORLD: Estás quase pronto.

PEDRO 2: Pronto para quê?

MR. WORLD: Ires embora. Não era isso que querias? Ires à tua vida.

PEDRO 2: Tinhas falado numa missão.

MR. WORLD: Teres uma vida não é missão bastante?

PEDRO 2: Deve ser.

MR. WORLD: Missão nada fácil, digo-te eu. Por isso é que precisas de uma vida já feita. Senão não adianta: quem não existe com uma vida já feita, já toda preparadinha, não vai lá. Acredita. A do tal diretor é perfeita para ti. Emprego bom, casa boa... mulher boa. Vai saber-te bem. Poucos têm a tua sorte.

PEDRO 2: Não percebo o que estás para aí a dizer. Que história é essa?

MR. WORLD: É muito simples: só há uma coisa que te impede de ficares com a vida desse gajo. Um problema, digamos... Ele próprio. As pessoas agarram-se demasiado às vidas que arranjam. É uma chatice... Mas é um problema facilmente resolúvel.

Mr. World mostra um revólver.

PEDRO 2: Não queres matar esse tipo, pois não?

MR. WORLD: Não, claro que não... (pausa) Quero que sejas tu a matá-lo. (estendendo-lhe o revólver) Vês outra solução?

PEDRO 2: Isso é um crime.

MR. WORLD: Crime? (ri-se descontroladamente; depois em tom ameaçador, metendo-lhe o revólver na mão) Que sabes tu disso?... Ele e a mulher estão de férias. Numa casa da família dela. Ele vai voltar mais cedo. Sozinho. Quer observar o eclipse que vai haver. Vai estrear o telescópio que montou no sótão da casa dele.

Da tua casa. Coitado, tem saudades das coisinhas de que gostava de fazer. Anda infeliz com a direção do Instituto. Precisa que trates dele... Crime? Há algum crime quando toda a gente fica satisfeita com o que acontece?

PEDRO 2: Ele e eu somos completamente diferentes.

MR. WORLD: (ríspido e categórico) Ninguém vai dar conta. Fazes o que tens a fazer, portaste-te como tens de te portar e corre tudo bem. Ninguém dá por nada... Ele chega amanhã ao fim da tarde. Vais estar à espera dele.

III

Sala da casa. Noite. Pedro 1.

Pedro 1 fala ao telemóvel.

PEDRO 1: Cheguei agora... Um bocado cansado mas correu bem, não apanhei muito trânsito. E aí, que tal a praia hoje?... Que bom... Sim, vi agora. Não tinha dado conta porque tinha o telemóvel em silêncio. Não paravam de ligar do Instituto e resolvi pô-lo em silêncio... Não, nada de importante, é por causa do protesto de amanhã. Não me parece que vá adiantar grande coisa mas enfim... É a tal concentração à porta do Instituto de que já tinham falado. Vão colocar umas faixas no muro e mais não sei o quê. Parece que vai estar muita gente... Sim, queriam que eu também estivesse mas não disse que já voltei. Pensam que ainda estou fora. Juntava-me a eles, claro, mas deviam ter marcado para outra altura... Não, nem pensar, voltei por causa do eclipse. Senão ficava mais estes dias aí contigo e vínhamos juntos... (olhando na direção do público). Tenho de ligar ao jardineiro, o jardim parece uma selva. Mas vai lá, amor, que estão à tua espera. Foi só mesmo para dizer que cheguei bem... Eu também. Um beijo...

Pedro1 desliga o telemóvel. Dá uma vista de olhos na correspondência que chegou enquanto estiveram de férias, abrindo uma ou outra carta. De repente olha na direção do público como se tivesse sentido qualquer coisa lá fora. Regressa à correspondência. Para novamente, atento a qualquer coisa que pode estar a passar-se no jardim. Avança.

PEDRO 1: Quem está aí?

Pedro 1 avança mais em direção ao jardim. Escuro. O palco ilumina-se de novo. Pedro 1 e Pedro 2. Pedro 1 está inanimado. Pedro 2 arrasta-o pela sala. Deita-o no sofá. Deambula, curioso. Depois fica a olhar demoradamente para Pedro 1. Aproxima-se dele. Abana-o.

PEDRO 2: Hei, acorda... Acorda.

Pedro 1 mexe-se. Entreabre os olhos. Assusta-se ao ver Pedro 2. Desperta rapidamente, endireitando-se no sofá.

PEDRO 1: Quem é você? Afaste-se. Afaste-se lá.

PEDRO 2: Calma, calma. Eu afasto-me, pronto.

PEDRO 1: O que é que está aqui a fazer?

PEDRO 2: Fui eu que te trouxe para dentro. Estavas caído lá fora sem sentidos.

PEDRO 1: Caí porque qualquer coisa que me fez tropeçar... Eu vi-o lá fora. Vi-o no jardim e quando saí atrás de si...

PEDRO 2: Podemos tratar-nos por tu, não? Sim, era eu lá fora...

PEDRO 1: (fixando estupefato Pedro 2) Você é... é...

PEDRO 2: Tal e qual, não é? Vim cá por causa disso. Achei que havias de querer saber.

PEDRO 1: Saber o quê?

PEDRO 2: Que existe outro igual a ti, o que é que havia de ser? Que somos sócias, não é assim que se diz?... Quando te vi nos jornais nem queria acreditar. (estendo a mão, num cumprimento) Também me chamo Pedro. Incrível, não é?

PEDRO 2: (apertando-lhe a mão) Prazer.

PEDRO 1: O prazer é todo meu.

PEDRO 2: O Pedro é de onde?

PEDRO 1: És de onde?

PEDRO 2: És de onde? Desculpa.

PEDRO 2: (começando a deambular, evasivo) De sítio nenhum. Ando por aí, de um lado para o outro... Achei que devíamos conhecer-nos.

PEDRO 1: É. Talvez. E agora?

Pedro 2 encolhe os ombros.

PEDRO 2: Agora, não sei.

Continua a deambular pela casa sob o olhar apreensivo de Pedro 1.

PEDRO 2: Tens uma boa vida...

PEDRO 1: (receoso). Mais ou menos.

Pedro 1 apressa-se a levantar-se, mas sente-se tonto.

PEDRO 2: É melhor deixares-te estar aí. Queres que te arranje qualquer coisa?

PEDRO 1: (voltando a sentar-se) Não, estou bem, eu fico bem. Só preciso descansar, mais nada. Sabe o que é, tinha acabado de chegar de viagem. Desculpe...

PEDRO 2: Estás a querer ver-te livre de mim, não é?

PEDRO 1: Não, não é isso. É só que estou mesmo cansado. Noutra altura podemos... Não sei...

PEDRO 2: Sim, não faz mal. Noutra altura.

Pedro 2 pega numa caneta e aponta para um dos envelopes da correspondência que chegou.

PEDRO 2: Posso escrever aqui.

PEDRO 1: Sim, sim.

PEDRO 2: Eu sei como encontrar-te, mas tu... Deixo-te o meu número de telemóvel... Liga quando quiseres. Se quiseres... Tens a certeza de que não precisas de nada?

PEDRO 1: (levantando-se) É só descansar um bocado e fico bem... (estendendo a mão) Obrigado.

Pedro 2 aceita o aperto de mão.

PEDRO 2: Até breve, então.

PEDRO 1: Adeus.

Pedro 1 faz menção de acompanhar Pedro 2. Pedro 2 trava-o.

PEDRO 2: Deixa-te estar. Sei o caminho.

Encaminha-se para a porta. Antes de lá chegar para e volta-se.

PEDRO 2: Não dizemos a ninguém que sabemos um do outro, não achas?... É melhor.

PEDRO 1: Sim... Talvez...

PEDRO 2: É melhor. Acredita.

Pedro 2 sai. Pedro 1 deixa-se cair no sofá, respirando fundo, aliviado. Pega no telemóvel. Começa a marcar um número. Para a meio. Hesita. Desliga o telemóvel. Fica indeciso em relação ao que há-de fazer.

IV

Jardim da casa. Noite. Pedro 2. Pedro 2 atravessa o jardim.

MR. WORLD: Missão cumprida?

Pedro 2 apanha um susto e Mr. World surge detrás de uma árvore.

PEDRO 2: Foda-se, World. Assustaste-me à brava...

Mr. World ri-se, satisfeito.

PEDRO 2: O que é que estás aqui a fazer?

MR. WORLD: Vim cumprimentar-te na tua nova e excelentíssima vida. Nada mau, hem?

PEDRO 2: Fala baixo que ele ainda te ouve.

MR. WORLD: Ele, quem?

PEDRO 2: Quem é que havia de ser? Esse tal Pedro.

MR. WORLD: Não acabaste com ele?

PEDRO 2: Não, não acabei com ele.

MR. WORLD: Vi-te arrastá-lo lá para dentro. Pensei que...

PEDRO 2: Estava desmaiado mas já recuperou os sentidos.

MR. WORLD: Tens o gajo desmaiado e não o matas? O que é que se passou?

PEDRO 2: Não se passou nada. Recuperou os sentidos e pronto.

MR. WORLD: Pronto, como? Viu-te?

PEDRO 2: Claro que me viu.

MR. WORLD: E então?... Desembucha, caralho.

PEDRO 2: Fala baixo. Recuperou os sentidos e apresentei-me. Só isso.

MR. WORLD: (pausa; depois desata-se a rir) Tens jeito para isto, viste? 'Tava quase a acreditar em ti: "recuperou os sentidos e apresentei-me". A sério que 'tava quase a acreditar em ti.

PEDRO 2: Para com isso. Não sei do que é que estás a rir.

MR. WORLD: 'Tás a brincar comigo.

PEDRO 2: Não, não estou a brincar contigo.

MR. WORLD: Só podes 'tar a brincar comigo.

PEDRO 2: Vamos embora daqui. Ele vai acabar por ouvir-nos.

MR. WORLD: Apresentaste-te como?

PEDRO 2: Apresentando-me.

MR. WORLD: Disseste o quê? "Sou o cabrão que vai matar-te e ficar com a tua vida"?

PEDRO 2: Não, não disse nada disso.

MR. WORLD: Disseste o quê, então? O que é que tens para dizer de ti?

PEDRO 2: Eu sei, não tenho nada para dizer de mim, não é?

MR. WORLD: Não me venhas agora com merda de filosofias da treta e de vitimizações. Se ainda não o mataste 'tás aqui a fazer o quê? A apanhar ar? Não há tempo a perder, meu menino. Vai fazer o que tens a fazer. É mesmo vontade de complicar tudo. Tinhas acabado logo com ele e 'tava tudo resolvido.

PEDRO 2: Não acabei com ele nem vou acabar.

MR. WORLD: 'Tás a querer fazer-me frente, é? Qual é a tua ideia, hem? Ofereço-te uma vida de bandeja, uma boa vida e tu fazes-te rogado?

PEDRO 2: As coisas não funcionam assim.

MR. WORLD: Quem és tu para dizeres como é que as coisas funcionam ou deixam de funcionar?

PEDRO 2: Não podem funcionar assim.

MR. WORLD: Era o que me faltava agora... Não percebes o que se está a passar, pois não?

PEDRO 2: Não me interessa perceber. Não preciso de perceber... E também não preciso de fazer o que não quero.

MR. WORLD: Não tens querer, meu amigo. Tens só de fazer o que te digo. Mais nada.

PEDRO 2: Porque senão...?

MR. WORLD: Não brinques comigo. Não te atrevas a brincar comigo.

PEDRO 2: Vais matar-me, é? Tens aqui a arma que me deste.

MR. WORLD: (aceitando a arma). Desgraçado!... Não penses que foges ao que tem de ser... (tomando uma resolução). Eu trato do assunto.

Mr. World afasta-se apressadamente em direcção à casa de Pedro 1. Pedro 2 não sabe o que fazer. Acaba por ficar por ali. Sobressalta-se ao ouvir um disparo. Pouco depois Pedro 1 aparece de arma em punho, em estado de choque.

PEDRO 2: (surpreendido e assustado, levantando as mãos em sinal de rendição). Pedro?!... Não dispares. Por favor. Não dispares.

PEDRO 1: Matei-o.

PEDRO 2: Não tenho nada que ver, a sério que não tenho nada que ver...

PEDRO 1: Matei-o.

PEDRO 2: Não te quero fazer mal, tu sabes... Eu ajudei-te...

PEDRO 1: Disparei e ele caiu. Caiu logo ali. Morto... Tão fácil. Foi tão fácil. Nunca tinha disparado mas é tão fácil.

PEDRO 2: Por favor, Pedro.

PEDRO 1: (baixando lentamente a arma) Não tive alternativa.

PEDRO 2: Eu sei.

PEDRO 1: Ia matar-me. Ouvi-o bem. Ouvi-vos. Continuava a haver gente cá fora, senti que continuava a haver gente cá fora e vim ver. Ouvi-vos... Se não disparasse ele matava-me. Não me podem acusar, não podem, não podem.

PEDRO 2: Ninguém te vai acusar.

PEDRO 1: Era ele ou eu. Ele ou eu.

PEDRO 2: Onde é que está o corpo?

PEDRO 1: O corpo?!... Meu Deus, o que é que eu fui fazer? Estou perdido, perdido. Como é que isto tudo pode acontecer? Quem é que é são vocês? O que é que querem de mim?

PEDRO 2: Calma, tudo se resolve.

PEDRO 1: Ele está morto. Resolve-se como?

PEDRO 2: Enterrando-o.

PEDRO 1: Enterrando-o?

PEDRO 2: Tem de ser.

Escuro. O palco ilumina-se de novo. Pedro 1, Pedro 2. Pedro 1 e Pedro 2 cavam uma sepultura. O corpo de Mr. World está ao pé deles, por terra.

PEDRO 1: Quem é ele?

PEDRO 2: O Mr. World?

PEDRO 1: Mr. World?

PEDRO 2: Deve ser alcunha. Ouvi sempre chamarem-no assim...
(evasivo) Conhecia-o de vista.

PEDRO 1: E isso de querer matar-me?

PEDRO 2: Deu-lhe para isso. Não sei. Queria que eu ficasse no

teu lugar. Com a tua vida. A ideia era eu substituir-te. A ideia dele. Queria que eu te matasse e passasse a apresentar-me como sendo tu.

PEDRO 1: Isso é de doidos. Toda a gente ia dar conta.

PEDRO 2: Fartei-me de dizer isso. Ele achava que não. Dizia que tinha a certeza que ninguém ia dar por nada. De qualquer maneira eu não...

Silêncio.

PEDRO 1: O que é que ele ficava a lucrar?

PEDRO 2: Nunca percebi. Devia pensar que depois me chantageava. Não sei. Devia ser isso.

PEDRO 1: Custa-me a acreditar no que está a acontecer.

PEDRO 2: Ninguém vai dar por nada... Quero dizer, ninguém vai dar pela falta do Mr. World... Mesmo que alguém dê não pode imaginar que está aqui enterrado... (apontando o corpo de Mr. World). Pega desse lado que eu pego deste.

Colocam o corpo de Mr. World dentro da sepultura.

LENA: (chamando do portão) Pedro!... Ana!...

PEDRO 1: Foda-se. Schhhh!

LENA: (chamando) Pedro!

PEDRO 2: É melhor ires. Se vem cá estamos lixados.

Pedro 1 dirige-se para o portão tentando compor-se.

PEDRO 1: Olá, Lena, estás boa.

LENA: Olá, Pedro.

PEDRO 1: Estou todo sujo, desculpa.

LENA: (cumprimentando-o) Não faz mal. Ia tocar, mas pareceu-me ouvir alguém cá fora.

PEDRO 1: Sou eu que estou aqui entretido no jardim. A ver se dou um jeito a esta selva. Foram poucos dias fora mas mesmo assim isto ficou uma selva.

LENA: A natureza não perdoa (risos)... Pois é. Vi luz acesa, percebi que tinham voltado.

PEDRO 1: Fui só eu. A Ana ainda fica mais uns dias lá por baixo. Eu é que tive que vir mais cedo.

LENA: Então também estás sozinho. É horrível. Se calhar tu não te importas mas eu acho horrível. Detesto a casa vazia. Quer dizer, só comigo. (ri-se) O Raul volta depois de amanhã.

PEDRO 1: A Ana também.

LENA: Aparece lá em casa, então.

PEDRO 1: Obrigado mas não sei se vou ter tempo. Vim cheio de coisas para fazer.

LENA: Imagino que sim. Mas se quiseres, mesmo que seja de fugida... E as férias, foram boas?

PEDRO 1: O de sempre. Férias de praia são sempre o mesmo. Deu para descansar.

LENA: Para recarregar baterias...

PEDRO 1: Sim... Bem, vou ver se acabo o que estava ali a fazer...

LENA: (entusiasmada) Queres que te ajude? Posso ajudar-te.

PEDRO 1: Não, não, nem pensar. Não é preciso.

LENA: Pode não parecer mas desenrasco-me bem, acredita.

PEDRO 1: A sério, não é preciso. É só mesmo arrumar aquilo em que me pus a mexer que também estou cansadíssimo da viagem.

LENA: Pois deves estar... Não te atraso mais, então. Mas vai ter comigo amanhã. Não é bom estar sozinho.

PEDRO 1: Combinado. Se puder eu vou.

LENA: Até amanhã.

Lena afasta-se. Pedro 1 regressa para junto de Pedro 2.

PEDRO 2: Que brasa, meu! E está pelo beicinho.

PEDRO 1: Fala baixo. E não digas disparates.

PEDRO 2: (imitando Lena de forma exagerada) “Oh, não é bom estar sozinho”. És mesmo um gajo cheio de sorte.

PEDRO 1: Achas mesmo?

Pedro 1 pega na pá e começa a atirar terra para dentro da sepultura.

PEDRO 1: Temos de acabar isto o quanto antes...

Continuam a encher a sepultura em silêncio.

PEDRO 1: É como se fosse um pesadelo. Estou sempre a achar que vou acordar mas não há maneira.

PEDRO 2: Chegaste a contar a alguém de mim?

PEDRO 1: Não.

PEDRO 2: Fizeste bem...

Silêncio.

PEDRO 2: Achas que posso ficar a dormir no sofá?... Só esta noite. Já é tarde para ir agora por aí.

PEDRO 1: (hesitante) Sim, já é tarde.

PEDRO 2: Amanhã de manhã vou à minha vida e pronto... Posso?

PEDRO 1: Tudo bem. Fica.

V

Sala da casa. Manhã. A sala está vazia. Pedro 1 entra em pijama. Olha em volta, procurando. Não há mais ninguém. Há uma manta em cima do sofá. Pedro 1 pega nela e dobra-a. Fica pensativo, com ela dobrada entre os braços. Escuro. O palco ilumina-se. Fim de dia. A sala está vazia. A projeção da imagem do sol visto através de um filtro de um telescópio ilumina a cena, conferindo-lhe um ambiente fantasmagórico. O sol começa a ser beliscado de um dos lados. As imagens mostram, em ritmo acelerado, um eclipse solar. Passados uns instantes, o sol volta a apresentar a sua configuração inicial. Um telemóvel toca, a projeção termina e a sala é devolvida à sua iluminação natural.

PEDRO 1: Olá, amor, estás boa?... O quê? Não, não tenho a televisão ligada...

Pedro 1 entra na sala a falar ao telemóvel. Aciona o comando da televisão. A televisão liga-se mostrando imagens do noticiário.

PEDRO 1: Vou ver e já te ligo.

Pedro 1 levanta o volume da televisão. O noticiário passa declarações prestadas pelo ministro.

MINISTRO: Quero antes de mais reafirmar a plena confiança que o Ministério tem no doutor Pedro Pereira Alves e dizer claramente que não vemos nas suas declarações nada que ponha em causa o excelente relacionamento que existe entre o Ministério e a atual direção do Instituto.

Um jornalista tenta intervir, mas o ministro faz um gesto a pedir que não o interrompam.

MINISTRO: Um momento, por favor. Quando o senhor diretor, em resposta a um cenário hipotético colocado por um senhor jornalista, diz que se demitiria caso o Ministério impusesse ao Instituto uma decisão, dá apenas mostras de defender com firmeza as competências da direção do Instituto. É isso que espero da direção do Instituto: uma direção forte com quem possa negociar. Por isso mesmo faço questão de me reunir já nos próximos dias com o doutor Pedro Pereira Alves para que não restem dúvidas quanto à confiança que nele deposito. O Ministério não pode nem quer impor seja o que for ao Instituto. Todas as decisões serão conjuntas e as responsabilidades partilhadas.

A emissão regressa ao pivô que está no estúdio, prosseguindo para outras notícias.

PIVÔ: Comemoraram-se hoje na aldeia transmontana de Vale de Gouvinhas as festividades de Matadeus. Trata-se de uma tradição ancestral que tem lugar sempre que...

Pedro 1 muda de canal até encontrar um outro que noticia os acontecimentos do Instituto mostrando imagens da contestação.

JORNALISTA: Os incidentes de hoje no Instituto Nacional de Investigação Científica aconteceram na sequência da concentração organizada pelos investigadores para protestarem contra o Projeto de Vigilância Global. O Ministério pretende que o Instituto lidere as investigações e desenvolva os equipamentos necessários para que Portugal seja o país pioneiro do sistema de videovigi-

lância global que começa a ser defendido em termos mundiais. É um projeto polémico que esteve aliás na origem da demissão da anterior direção do Instituto. As declarações que o novo diretor, doutor Pedro Pereira Alves, prestou hoje, ao ter marcado presença na contestação, levam a crer que o Ministério continuará a contar com a oposição veemente dos investigadores.

Pedro 2 surge em grande plano no écran da televisão. Pedro 1 aproxima-se da televisão, como que hipnotizado por ela. As declarações que Pedro 2 presta vão sendo, pouco a pouco, abafadas por um zumbido.

PEDRO 2: A atual direção recusa terminantemente que o Ministério imponha ao Instituto uma decisão relativa a este ou qualquer outro projeto que vá contra os interesses ético e científico dos seus investigadores e da população em geral. Não podia, por isso, deixar de estar presente nesta concentração (ouvem-se gritos de apoio)... Os meus colegas sabem que podem contar com a minha total solidariedade naquilo que é e sempre foi a defesa de uma ideia de bem comum a que a ciência tem que estar ao serviço...

Escuro. O palco ilumina-se. Pedro 1. Pedro 1 está embriagado, esparramado no sofá. Bebe. Ouvem-se passos lá fora. Pedro 1 sorri.

PEDRO 1: Tinha a certeza que aparecias...

Pedro 2 entra. Pedro 1 levanta-se, cambaleante.

PEDRO 1: (batendo palmas; tom triunfal e irónico) Bravoouoo!... Bravoouoo!

PEDRO 2: Para com isso... (apontando a garrafa) Posso?

PEDRO 1: Por favor!

Pedro 2 serve-se de uma bebida. Pedro 1 não tira os olhos de Pedro 2.

PEDRO 1: Ninguém deu conta que não eras eu?

Pedro 2 abana a cabeça negativamente.

PEDRO 1: (incrédulo) Impossível, impossível... Ninguém?... Nem uma pessoa sequer? Nem uma?... Não pode ser... Ninguém?... Nada?... Como é que é possível?... E tu, hem? O que é que tu queres?

PEDRO 2: Não sei.

PEDRO 1: Como não sabes?... Para quem não sabe o que quer estás a sair-te muito... muito... muito ativo, não?

PEDRO 2: O que queres que te diga? Não sei... É a verdade. Não sei bem.

PEDRO 1: Não sei bem, não sei bem... Vai-te foder... (volta costas; afasta-se; falando consigo mesmo, como se pensasse em voz alta; conversa ébria) Eu é que não sei bem... De repente desiste-se do que se gosta. Assim sem mais nem menos. Porquê? Porque é que se desiste do que se gosta, hem?... Uma porrada de anos de volta das estrelas, dos astros, daquela merda toda e dum momento para o outro, zás... puff, acaba-se tudo... Tudo perdido no silêncio do tempo... Mas disto nenhuma estrela guardará memória, não. (regressando a Pedro 2) Mas o senhor diretor sabe lá o que

é uma estrela de neutrões, não é, senhor diretor? Vá lá, diga, não foi o senhor diretor que andou para aí a descobrir não sei o quê? Ah, está calado, não diz nada...

Pedro 1 afasta-se em direção ao jardim e fica a olhar o céu.

PEDRO 1: Anda cá. (Pedro 2 aproxima-se; Pedro 1 fala num tom calmo mas apaixonado, quase como se contasse uma história infantil) Estás a ver as estrelas ali no céu? Podes escolher a que quiseres, a que quiseres. Qualquer uma que escolhas acabará por morrer. Mais cedo ou mais tarde. Quando a estrela que escolheres morrer, quando terminar o tempo de vida dela, explode numa supernova, uma espécie de fogo-de-artifício (faz um gesto largo com as mãos), uau. Um espetáculo maravilhoso. A matéria é lançada no espaço, dispersa-se e a identidade inicial perde-se... Mas o fim nunca é completamente o fim, sabes? Uma pequena parte da matéria resiste; nem tudo se perdeu: uma pequena parte, o coração da estrela antiga, comprime-se num núcleo densíssimo. Já não brilha mas guarda para sempre a memória do passado. Um objeto silencioso, misterioso, inviolável: uma estrela de neutrões... Um corpo que já não emite luz. Sem brilho. Negro... É o que sobra quando tudo o mais se desintegra... Maravilhoso não é?

PEDRO 2: É.

PEDRO 1: Há anos descobri uma estrela de neutrões. Chamei-lhe Ana II... Mas que percebes tu disto?

Pedro 1 volta para o sofá, derrotado.

PEDRO 1: E com a outra Ana, a verdadeira Ana, a minha verda-

deira Ana, foi igual. Onde é que ela está, hem? Virei-lhe costas, vim-me embora... E amo-a, amo-a mais que tudo... Noutros tempos seria incapaz... Às vezes ia buscá-la ao hospital e fugíamos para o Ninho das Gaivotas. Conheces?... Uma pensãozita aqui perto, perdida no fim de uma estrada mesmo junto ao mar... O nosso pequeno crime: arranjar uma desculpa qualquer depois do almoço, escaparmo-nos ao trabalho e ficarmos a tarde toda... O mar ali ao lado a embalar, shua... shua... A felicidade... A felicidade é isso. Mas nunca mais voltámos lá... Não sei bem o que aconteceu...

Escuro. O palco ilumina-se. Pedro 1 e Pedro 2. Pedro 1 adormeceu no sofá. Pedro 2 vigia-o sentado noutra poltrona. O telefone toca. Pedro 1 vira-se incomodado. O telefone continua a tocar. Pedro 2 hesita.

PEDRO 1: Porra.

Pedro 2 atende.

PEDRO 2: Estou?... Lena? (levanta-se e aproxima-se do jardim)
Também não consigo dormir.

Escuro. O palco ilumina-se. Manhã. Pedro 1. Pedro 1 continua adormecido no sofá. Toque ritmado da campainha. Pedro 1 acorda. O toque ritmado repete-se. Pedro 1 levanta-se estremunhado.

PEDRO 1: Já vai.

Pedro 1 sai. Regressa seguindo Lena que entra espavorida e afogueada. Pedro 1 está incrédulo e assustado, com marcas do batom de Lena nos lábios e na cara.

LENA: O Raul já chegou mas não consegui resistir. Está no banho, não posso demorar. Foi tão bom ontem à noite.

Lena agarra Pedro 1 e beija-o apaixonadamente.

LENA: Quero estar contigo outra vez. Logo que perceba quando é que ele vai sair aviso-te. A Ana ainda não chegou, pois não?

PEDRO 1: (atordoado) Chega mais logo.

LENA: Arranjamos uma maneira qualquer. Preciso de ter-te. Nunca me tinha acontecido nada assim tão forte. A sério que não. Faz medo, quase. Mas tenho de ir agora. O Raul não pode saber. É melhor não. Para já é melhor não. Mas nada muda com o Raul cá. Quero que saibas isso. Temos de arranjar uma maneira. A minha vontade era que a noite de ontem não tivesse acabado nunca. Ou então que se repita para sempre.

Escuro. O palco ilumina-se. Pedro 1 e Ana. Ana beija Pedro 1. Há uma mala de viagem na sala.

ANA: Conta-me tudo.

PEDRO 1: Não há nada para contar.

ANA: Não sejas assim. O que aconteceu foi muito importante.

PEDRO 1: Não acho nada de especial.

ANA: Claro que foi especial. Não viste como o próprio ministro reagiu logo. Disseste a coisa certa no momento certo. Toda a gente ficou impressionada. Eu também. Até me arrepiei toda. É mesmo teu não me avisares que ias passar na televisão. Foi uma sorte ter visto.

PEDRO 1: Não podia saber...

ANA: Deixa-te disso. Não quiseste dizer, foi o que foi. Não devia perdoar-te. Devias ter-te saído mal. Era o que merecias. Como castigo de me teres escondido o que aconteceu, devias ter-te saído mal.

PEDRO 1: Achavas que me ia sair mal, não achavas?

ANA: Tonto. Não sejas tonto. (agarrando-se a Pedro 1) Estava com tantas saudades tuas.

PEDRO 1: Ainda estou meio baralhado.

ANA: Amo-te.

PEDRO 1: E se me tivesse saído mal?

ANA: O que é que tem?

PEDRO 1: Amavas-me na mesma?... Se nada disto tivesse acontecido?

ANA: Não.

PEDRO 1: Não?

ANA: Não, não te amava... Claro que te amava, seu tonto. Mas saís-te sempre bem. Isso é que dá raiva.

VII

Sótão da casa. Noite. Pedro 1 e Pedro 2.

PEDRO 1: Fartei-me de ligar e não atendeste.

PEDRO 2: Enviei-te uma mensagem a dizer para nos encontrarmos aqui. É melhor falarmos frente a frente.

PEDRO 1: Pois aqui estou. À hora que marcaste, no lugar que marcaste. Tinha de ser aqui?

PEDRO 2: Pareceu-me melhor.

PEDRO 1: Porque a Ana está lá embaixo e assim não posso acabar contigo, não é?... Estavas com medo que te matasse? Não te escondo, a minha vontade é essa.

PEDRO 2: Sei que és capaz de matar.

PEDRO 1: Pois sabes, é verdade... Mas tu não, coitadinho. Incapaz de matar. Nem mesmo para ficar com uma boa vida... Com a minha vida. Tão bonzinho que ele é!... Incapaz de matar para ficar com a minha vida mas perfeitamente capaz de ficar com ela comigo vivo. Julgas que deixo, é? Julgas que sou tão, tão... tão imbecil, tão covarde que até podes permitir que eu fique a assistir a tudo, até podes permitir que eu fique a assistir a como te divertes a fazeres-te passar por mim?... Dá-te gozo que ninguém dê por nada, aposto... E ainda mais gozo te dá foderes-me a vizinha, não é?

PEDRO 2: Não é nada disso.

PEDRO 1: Vais negar que fodeste a Lena?

PEDRO 2: Estive com ela, sim.

PEDRO 1: Não estiveste com ela, fodeste com ela. Não me venhas com merdas.

PEDRO 2: Qual é o problema?

PEDRO 1: Qual é o problema? O problema é que a Lena fodeu contigo a pensar que estava a foder comigo. Esse é que é o problema. Achas que devo agradecer-te? Se calhar devo agradecer-te. Já que ela veio aqui a correr logo de manhã dizer que gostou muito. Afinal devo agradecer-te, vejam só. Fizeste o favor de convencer a vizinha de que sou um garanhão e ainda me queixo. Sou mesmo ingrato.

PEDRO 2: A Lena não vai criar confusão nenhuma.

PEDRO 1: (irónico) Foi mesmo o que me pareceu. Pareceu-me mesmo que estava muito equilibrada e que não ia criar confusão nenhuma. Mas isso a ti não interessa nada, não é? O que é que isso interessa quando ela é uma brasa? Nada... E já que não a fodeu eu, fode-la tu que é quase a mesma coisa. Que tal é ela, hem? Tão boa quanto parece? Vá lá, diz. É ou não é uma boa foda? Qual é o teu problema agora? Não me digas que estás com vergonha. Agora é que te veio a vergonha.

PEDRO 2: Assim não conseguimos falar como deve ser.

PEDRO 1: Ah, tão ponderado! “Assim não conseguimos falar como deve ser”!... É que não foi só a Lena que fodeste, meu amigo. Fodeste-me a vida. A minha vida. A minha vida, percebes?

Sabes o que isso é? Sabes o que foi preciso para chegar aqui? Anos e anos e anos... Anos e anos a trabalhar, a cuidar das coisas e de repente... de repente apareces tu e fodes tudo... Achava eu que tinha as coisas controladas, uma vida segura... Como fui ingénuo.

PEDRO 2: Não fiz nada de mau nem vou fazer. Não há razão para estares assim. Só temos a ganhar um com o outro.

PEDRO 1: Tu! Tu tens a ganhar. Porque afinal quem és tu, de onde é que vens?... Mistéeeeeeeerio!... Sim, quem eras tu? Ninguém!... Ninguém, aposto. E quando se é ninguém não se tem nada a perder. Pode-se fazer tudo. Tudo. Só se tem a ganhar. Tu só tens a ganhar... Eu não.

PEDRO 2: Há coisas que também podes ganhar.

PEDRO 1: Ah, sim? Fico contente por saber. Esclarece-me que não consigo atingir.

PEDRO 2: Estive a pensar e acho que também interessa-te...

PEDRO 1: Afinal sempre pensas, viste?... Mas conta lá, estou curioso.

PEDRO 2: Não estás satisfeito com a direção do Instituto... quero dizer, não te agrada seres diretor. Não gostas de fazer o que um diretor tem de fazer. E o pior é que gostas de fazer outras coisas. Até arranjaste isto aqui para não te afastares daquilo de que gostas. Preferes ficar aqui no sótão a ver as estrelas e essas coisas todas do que ir para o Instituto fazer de diretor... Preferes isso mas eu... eu...

PEDRO 1: Tu não, não é?

PEDRO 2: Eu não.

PEDRO 1: Preferes fazer de diretor... Fazer de diretor! Como se tudo fosse um jogo de faz de conta. Atribui-se um papel a cada um e não é preciso mais nada. Nem formação nem experiência nem competência nem nada. Só fazer de conta. Para ti resume-se tudo a uma questão de escolher bem um ator, de representar bem um papel. Tudo teatro.

PEDRO 2: Portei-me bem naquilo de ontem.

PEDRO 1: O que queres dizer que é que foste melhor do que eu teria sido, não é?

PEDRO 2: Também não percebo nada disso das estrelas. Tem-se sempre mais jeito para uma coisa qualquer.

PEDRO 1: No teu caso é para seres diretor. Sim, senhor. Muito bem.

PEDRO 2: Se podemos arranjar-nos de maneira a que cada um fica a fazer o que quer, qual é o drama? Só há vantagens... Uma simbiose.

PEDRO 1: Symbiose? Estou impressionado. Não percebes nada de astrofísica mas de biologia pelos vistos sim.

PEDRO 2: Toda a gente fica mais satisfeita. Só há vantagens... Podemos tentar, não?

PEDRO 1: Se não tentarmos como é que ficamos?

PEDRO 2: De qualquer maneira tenho que resolver as coisas com a Lena. Não quero causar problemas.

PEDRO 1: Resolver como?

PEDRO 2: Explico-lhe que foi uma coisa de momento, um impulso, que não pode voltar a acontecer.

PEDRO 1: E se ela não aceita?

PEDRO 2: Aceita. Fica descansado que aceita... Deixa comigo.

Silêncio.

PEDRO 2: Queres que seja eu a ir amanhã à reunião com o ministro?... Não me incomoda nada.

Escuro. O palco ilumina-se. Dia. Pedro 1 e Pedro 2.

PEDRO 1: Tinhas dito que ias terminar com a Lena e afinal...

PEDRO 2: Tenho de ir com calma.

PEDRO 1: Dizes isso há semanas.

PEDRO 2: É uma pessoa muito carente. Temos de ter cuidado.

PEDRO 1: Temos?

PEDRO 2: Sim... E tu, continuas de volta das manchas solares?

PEDRO 1: Continuo... Não sei por quanto tempo conseguimos prolongar esta mascarada.

PEDRO 2: Que mascarada?

PEDRO 1: Que mascarada havia de ser? Andares a fazer-te passar por mim.

PEDRO 2: Não é mascarada nenhuma. Não tens com que te

preocupar. Está tudo bem no Instituto. Os colegas confiam em nós e o Ministério também.

Silêncio.

PEDRO 2: Sabes, estive a pensar e acho que devemos apoiar o Projeto de Vigilância Global.

PEDRO 1: O quê? Nem penses.

PEDRO 2: No Ministério são bem claros, o projeto vai para a frente.

PEDRO 1: Não vês que o que eles querem é que nos rendamos. É com isso que contam. Confiam que acabamos sempre por desistir. E nós os portugueses, então... Quem manda sabe que somos assim. Por isso é que fazem tudo o que lhes passa pela cabeça, tudo o que lhes convém. Mas desta vez não. Nem penses. Não vamos aceitar. Se não nos rendermos eles não podem fazer nada.

PEDRO 2: Não é verdade. Há sempre outros dispostos a tudo. A única dúvida é se o projeto avança conosco ou sem nós. Se formos nós que estivermos à frente do projeto é melhor.

PEDRO 1: O que é que pode haver de melhor em estarmos à frente de uma coisa que não presta?

PEDRO 2: Podemos minimizar os danos e tirar partido das coisas boas. Há sempre coisas boas em tudo.

PEDRO 1: Quando estás a dizer que podemos tirar partido das coisas boas referes-te a tu e eu ou a quem?

VII

Sala da casa. Dia. Pedro 1. O mesmo toque ritmado da campanha do outro dia. Pedro 1 hesita. O toque repete-se. Pedro 1 vai abrir numa atitude de resolução suicida.

LENA: Porque é que não me disseste que ficavas hoje em casa?

Lena entra na sala seguida por Pedro 1.

LENA: Para te pores lá fora parado no jardim a chamar por mim, não foi? Eu percebi. Percebi logo. És terrível, fazes de mim o que queres. A vontade com que fiquei de vir a correr ter contigo. Mas disse para mim, “não, agora também não vou, vou fazer com que ele espere”. Não, não é verdade. Vinha logo a correr. Mas tive de esperar que o Raul saísse. Volta daqui a duas ou três horas. É pena, não é? Era bom ficarmos com o dia todo para nós... Não me vais agarrar? Olha que eu fujo.

PEDRO 1: Não sei como é que hei-de dizer-te?

LENA: Dizer-me o quê?... Não tem mal. Se não sabes como dizer, beija-me.

PEDRO 1: Não. Precisamos falar. Falar a sério.

LENA: O que é que queres dizer com isso? Falo sempre a sério.

PEDRO 1: Foi tudo um engano.

LENA: Engano? O que é que foi um engano?... Não querias que viesse cá?... Vi-te parado ali fora, sem fazer nada... Achei que...

PEDRO 1: Não é isso.

LENA: Então é o quê?

PEDRO 1: O que tem acontecido não pode continuar. O que se passa entre nós, ou melhor entre ti e... Não pode ser. Nada disto pode ser.

LENA: O que é que não pode ser? Posso ir-me embora. Queres que me vá embora, é isso?

PEDRO 1: Não. Quero que fiques e oiças.

LENA: Sabia que querias que eu viesse. Vês? Consigo adivinhar o que queres.

PEDRO 1: Por favor. Não tornes tudo mais difícil.

LENA: Tudo o quê?... Estás tão esquisito. Estás a assustar-me.

PEDRO 1: Temos de acabar tudo... Tu sabes.

LENA: O que é que estás a dizer? Não percebo.

PEDRO 1: Eu amo a Ana.

LENA: Porque é que me estás a dizer isso?

PEDRO 1: Porque é verdade. Eu amo a Ana.

LENA: Não quero ouvir, não quero ouvir... Também me amas. Tu disseste que me amas... E eu amo-te. Amo-te como mais ninguém pode amar-te.

PEDRO 1: Não é a mim que amas.

LENA: Claro que é a ti que amo. Tu sabes. Amo-te a ti, só a ti.

Com o Raul é diferente. É como se fosse... Queres que deixe o Raul, é isso? Eu deixo o Raul. Foste tu que disseste que...

PEDRO 1: Não quero que faças nada disso. É tudo um mal-entendido.

LENA: Um mal-entendido?

PEDRO 1: Não sou eu que tenho estado contigo.

LENA: Como não és tu?

PEDRO 1: É como se não fosse eu. Como se fosse outro. Não estava em mim. Foi tudo um disparate.

LENA: Disparate?

PEDRO 1: Desculpa. O que quero dizer é que nada disto devia ter acontecido. Desculpa, desculpa. Eu não sou assim. Não sei ser assim. Não quero ser assim.

Lena afasta-se desesperada.

LENA: Meu Deus, meu Deus, meu Deus. Meu Deus, ajuda-me. Não me deixes sozinha. Por favor, ajuda-me. Tu sabes como o amo. Não me podes fazer isto, meu Deus.

PEDRO 1: Deus não tem nada que ver com isto.

LENA: Deus tem que ver com tudo.

PEDRO 1: Não me parece que estas questões Lhe agradem.

LENA: Sou pecadora, eu sei... Mas Deus ama-me... Ama-me e sabe que eu amo-te. Por isso perdoa-me.

PEDRO 1: É melhor deixarmos Deus de fora disto. Já é tudo tão complicado sem Ele.

LENA: Não me podes tirar Deus.

PEDRO 1: Não te quero tirar nada. Só quero que fique tudo esclarecido.

LENA: Foi alguma coisa que eu fiz, não foi? (aproximando-se de Pedro 1) Diz-me o que foi.

PEDRO 1: Não foi nada. A culpa é só minha.

LENA: (agarrando-se a Pedro 1) Diz-me o que foi. Faço tudo o que quiseres. Tudo.

PEDRO 1: Para.

LENA: Só não quero que me deixes. Por favor, não me deixes.

PEDRO 1: (soltando-se violentamente) Para!

LENA: Se me deixas eu morro... (começando a choramingar) Diz que isto é tudo uma brincadeira. É isso, não é? Uma brincadeira para me magoares. Eu sei. Gostas de me magoar. Um bocadinho. Só um bocadinho. Eu também gosto que me magoes. Um bocadinho gosto. Um bocadinho sabe bem. É isso, não é? Magoas-me um bocadinho e depois beijas-me e...

PEDRO 1: Acabou, Lena. Acabou tudo.

Escuro. O palco ilumina-se. Noite. Pedro 1 e Ana. Ana lê. Pedro 1 olha para a televisão sem prestar atenção ao filme que está a passar. A campainha toca. Pedro 1 sobressalta-se.

PEDRO 1: Quem será a esta hora?

ANA: Deixa estar. Vou ver.

Ana vai abrir.

ANA: Olá. Que boa surpresa.

RAUL: Olá, Ana. Desculpa vir a esta hora. Preciso de falar com o Pedro. Ele está?

ANA: Não tem problema. Para nós ainda é cedo. Entra.

RAUL: Obrigado mas preciso de falar com ele a sós. Desculpa. Espero por ele cá fora, pode ser?

VIII

Jardim da casa. Noite. Pedro 1 e Raul.

RAUL: (agressividade contida) Fala.

PEDRO 1: Falo o quê?

RAUL: (quase num limite do descontrolo) Não me faças de parvo. Sobretudo isso, não me faças de parvo... Estou a tentar minimizar os estragos, não me provoques. Fala!

PEDRO 1: Não sei o que queres que diga, Raul.

RAUL: Não me fudas. Queres que perca a paciência? Não me fudas mais do que já fodeste... A Lena contou-me tudo.

PEDRO 1: Meu Deus!

RAUL: Não parou de chorar o dia todo. Obriguei-a a contar-me.

PEDRO 1: O que é que lhe fizeste?

RAUL: Estás preocupado com o que é que eu lhe fiz? Essa é boa. Fodes-me a Lena, a minha Bebé, deixa-la naquele estado, e vens perguntar-me o que é que eu lhe fiz? O que é que lhe fizeste tu?

PEDRO 1: É tudo uma confusão enorme. Não quis... Não sei como explicar.

RAUL: Tenta.

PEDRO 1: Não queria que tivesse acontecido. Juro. A sério que não queria... Se soubesse o que ia acontecer tinha preferido... Mas

como é que podia imaginar... Podes não acreditar mas não fui eu que... Não tenho culpa, a sério que não tenho culpa.

RAUL: Que é que queres dizer com isso? Que foi a Lena que te saltou para cima, é?

PEDRO 1: Não, não, a Lena também não teve culpa nenhuma. Nem um nem outro tivemos culpa.

RAUL: Uma paixão incontrolável!

PEDRO 1: Também não é isso. Oh, meu Deus, se fosse possível explicar... Desculpa, desculpa, desculpa...

RAUL: Para com a merda das desculpas.

PEDRO 1: O que é que vais fazer?

RAUL: Não sei. Por enquanto quis só avisar-te. Quis que sou-besses que eu sei.

PEDRO 1: Vais contar à Ana?

RAUL: À amazona do trevo dourado?

PEDRO 1: Quê?

RAUL: Amazona do trevo dourado. Era assim que lhe chamava. Aquele sinal na nádega, estás a ver? Dava-me pica chamar-lhe assim.

PEDRO 1: Não quero saber.

RAUL: E a ela, então... Não te digo nada.

PEDRO 1: Não quero saber.

RAUL: Quanto a ser amazona, não preciso de explicar, pois não? Ainda agora, a tusa que me dá se me ponho a pensar a maneira como ela...

PEDRO 1: Não te atrevas...

RAUL: Mas não me atrevo, o quê? Não te atrevas tu a ameaçar-me, ouviste?... Estamos entendidos?... Estamos entendidos?

Escuro. O palco ilumina-se. Pedro 1.

ANA: Pedro!... Pedro!

PEDRO 1: Estou aqui.

Ana aparece.

ANA: O Raul?

PEDRO 1: Foi embora, porquê?

ANA: Por nada. Estavam a demorar tanto. Comecei a ficar preocupada. Aconteceu alguma coisa?

PEDRO 1: Não, não aconteceu nada.

ANA: O que ele queria? Parecia perturbado.

PEDRO 1: É a Lena que não está bem.

ANA: O que é que ela tem?

PEDRO 1: Problemas entre os dois.

ANA: Problemas?

PEDRO 1: Sim.

ANA: Que espécie de problemas?

PEDRO 1: Porque é que é que isso te interessa?

ANA: Não é questão de me interessar. Só não estou a perceber porque é que ele estava tão estranho. Porque é que quis falar contigo a sós e agora tu...

PEDRO 1: Quis desabafar. Ela está convencida que ele tem outra.

ANA: Quem, a Lena?

PEDRO 1: Sim, quem havia de ser?

ANA: E tem?

PEDRO 1: Andam todas atrás dele, não é?

ANA: Porque é que me estás a falar assim?

PEDRO 1: É a minha maneira de falar, não gostas?

ANA: O que é que se passa contigo?

PEDRO 1: Não se passa nada. Absolutamente nada.

ANA: O que é que tens?

PEDRO 1: Não me toques. Larga-me.

ANA: Estás a deixar-me preocupada. Não te estou a reconhecer. Porque é que estás assim?

PEDRO 1: Eu sou assim. Olha bem para mim: eu sou assim. Não gostas, é? Preferes outro género. Preferes mais tipo Raul?

ANA: Pedro!

PEDRO 1: Dá-te mais pica, é?

IX

Sótão da casa. Noite. Pedro 1.

PEDRO 1: No dia seguinte fez as pazes com a Ana. Devia ser “no dia seguinte eu fiz as pazes com a Ana”, mas não, não fui eu, foi ele... Já não lhe chegava o resto. Já não era suficiente a direção do Instituto e a Lena. Tinha de ter também a Ana... Como é que pude enganar-me? Como é que achei que ele ia satisfazer-se só com parte quando podia ter tudo?... Telefonou à Ana, para o hospital, e disse que queria encontrar-se com ela no Ninho das Gaivotas. Como costumávamos fazer. Ela e eu. Em tempos... Devo ter-lhe contado que costumávamos fazer isso. Não me lembro... A Ana foi ter com ele e... Matei-o. Teve de ser... Devia tê-lo matado logo no primeiro dia. Que estúpido que foi. O que é que achava que tinha encontrado? Um amigo?... Quando a Ana chegou a casa ao fim do dia percebi tudo o que se tinha passado. Ela também estava contente por lembrar-mo. Há muito que não a via tão contente... Não consegui aguentar. Tive de fugir daqui. Arranjei uma desculpa qualquer e saí. Devo ter inventado que tinha de ir ao Instituto, não me lembro. Conduzi sem parar. Durante horas. Até ficar exausto... Hesitei em marcar o número dele. Atendeu logo e aceitou ir ter comigo à Boca do Inferno. Chegou de táxi. Sabia ao que vinha, com certeza. Não tinha como vencer-me. Um homem desesperado é um homem invencível e agora era eu quem não tinha nada a perder. Se dissemos alguma coisa um ao outro também não me lembro. Uma luta corpo a corpo. Como animais. A minha força era tanta que nem senti que ele se defendia. Se é que

se defendia. Foi recuando, recuando até ao limite das rochas. O mar também em fúria lá embaixo. Um último soco e ele sem ter mais por onde recuar. Os olhos a brilharem enquanto caía. O terror a iluminá-los mais do que o reflexo da lua no mar... E pronto, tinha-o matado.

Silêncio.

PEDRO 1: Não foi a única morte dessa noite... Era muito tarde quando voltei. A casa estava toda às escuras. Mas na da Lena alguém tinha colocado um letreiro a dizer “Vende-se”. O portão estava escancarado e a porta aberta. Vinha uma música lá de dentro. Chamei baixinho mas ninguém respondeu. Entrei. A música vinha do primeiro andar. Voltei a chamar e nada. Subi as escadas. As luzes todas acesas no quarto da Lena e na casa de banho de onde vinha a música. Espreitei. A banheira a transbordar, a água vermelha, a Lena morta lá dentro... “Foi melhor assim”, disse o Raul. Quase me matou de susto... A mim quase me matou de susto. Tenho a certeza que foi ele que... Colado atrás de mim, “foi melhor assim”... Entrei em casa ainda a tremer... No dia seguinte a Ana leu-me o bilhete de despedida que o Raul tinha deixado. Dizia que ele e a Lena tinham decidido pegar nas trouxas e mudar de poiso. “É mesmo dele partir assim sem mais nem menos”, achava a Ana. Prometia ir dando notícias e garantia que viriam visitar-nos em breve... Estava tudo acabado. Parecia mentira... Tudo de volta ao que era... Tudo de volta ao que era e tudo tão estranho.

PEDRO 2: Estás a enlouquecer.

PEDRO 1: Tudo tão estranho... Como o estranho que eu tinha matado... (narração pensativa e alucinada) Um estranho subs-

titui-te no teu dia a dia e ninguém dá por isso. Nem mesmo as pessoas que amas... Será que o estranho finge assim tão bem ou... ou afinal ninguém te conhece... ninguém te conhece verdadeiramente e... e estás completamente só?... É assim que as coisas acontecem. Afinal é assim que as coisas acontecem. O que aconteceu comigo é o que acontece a toda a gente. É o que está a acontecer agora, agora mesmo. Com toda a gente.

Pedro 2 aparece.

PEDRO 2: Se continuas assim vais acabar por enlouquecer.

PEDRO 1: O estranho a insinuar-se e a instalar-se. Lentamente. Sem pedir licença. Até obrigar-te a cometeres a maior das traições de que és capaz: a que cometes contra ti mesmo... E tudo porquê? Porquê?... Porque estamos sempre a mudar. Mesmo sem querer. Adaptamo-nos a situações que não esperávamos, revoltamo-nos contra outras que escolhemos, desistimos de amores antigos, esquecemos planos, apaixonamo-nos uma e outra vez, inesperadamente, tornamo-nos desencantados ou esperançados ou melancólicos ou alegres ou simplesmente cansados e envelhecidos... Sim, somos nós que o chamamos. Somos nós que chamamos esse alguém que realmente não conhecemos... Um estranho que temos, mas a que não conseguimos resistir... Alguém com quem teremos que travar uma luta de morte.

PEDRO 2: Estás a enlouquecer.

PEDRO 1: (quase gemendo) Por que nos deixaram ficar assim tão sós?

PEDRO 2: Estás a falar sozinho há uma quantidade de tempo. Estás a enlouquecer.

PEDRO 1: (gritando descontrolado) Caaaaaala-te... (repentinamente calmo). Não, não estou a enlouquecer. Sei bem o que digo. E não estou a falar sozinho. Estás aqui comigo, não estás?

PEDRO 2: Por isso mesmo. Estás a falar como se eu aqui não estivesse.

PEDRO 1: Falo como me apetece. Se quiseres achar que estou louco, acha. Mas aviso-te que não estou louco. Estou... estou digamos que a recapitular... Re-ca-pi-tu-lar. Capítular e depois recapítular (ri-se)... Sim, estou a recapítular. Posso?... Afinal não estava tudo de volta ao que era, não estava tudo acabado, pois não?... Passados uns dias comecei a sentir barulhos no sótão. Deitado na cama, acordado, parecia-me ouvir passos por cima de mim. Só podia ser sugestão. Quando se fica demasiadamente atento ouve-se o que não existe... Mas aquilo continuava. Uma noite ganhei coragem e vim até cá... Afinal não estavas morto.

PEDRO 2: Não, não estava.

PEDRO 1: Pensei que te tinha matado.

PEDRO 2: Quase.

PEDRO 1: Vamos lá para fora.

X

Jardim da casa. Noite. Pedro 1 e Pedro 2.

Pedro 1 e Pedro 2 cavam uma sepultura.

PEDRO 1: É mesmo verdade que conseguiste convencer toda a gente do Instituto a aceitar o Projeto de Vigilância Global?

PEDRO 2: Exceto três ou quatro.

PEDRO 1: Impressionante.

PEDRO 2: Há vantagens.

PEDRO 1: Sim, lembro-me de me teres dito isso. Só que não fiquei convencido... Mas quando se quer descobrem-se sempre vantagens... Impressionante como se pode mudar tão facilmente de ideias. E ainda há quem faça guerras por ideias... Quanto tempo é que me tiveste preso no sótão?

PEDRO 2: Cinco dias.

PEDRO 1: Estavas à minha espera quando subi ao sótão, não era? Não cheguei a ver-te. Senti qualquer coisa a tapar-me a cara e um cheiro muito intenso. Só isso... Só podias ser tu... Acordei nu no meio do sótão. Amarrado e amordaçado. Agora ouvia barulhos mas já não era por cima de mim. Agora era eu que estava no sótão e os barulhos vinham de baixo, do meu quarto... Gemidos... Só podias ser tu com a Ana lá embaixo.

PEDRO 2: A Ana acordou quando me meti na cama.

PEDRO 1: Não te vais desculpar, pois não? Por favor... Ouvia-vos perfeitamente. Não podia tapar os ouvidos nem gritar. Aí, sim, enlouqueci. Mas não se enlouquece para sempre. Isso é que é o mais terrível. E a memória da loucura dói mais do que a loucura... No dia seguinte levaste qualquer coisa para me cobrir. Passaste a ir lá duas vezes por dia. Para me dares de comer. Como a um cão.

PEDRO 2: Não podia fazer outra coisa.

PEDRO 1: Podias matar-me... Eu não teria hesitado. No teu lugar não teria hesitado. Sabes isso perfeitamente, não sabes?

PEDRO 2: Sei.

PEDRO 1: E não seria por estar louco. Seria por estar lúcido... Também não estava louco quando fui ter com a Ana hoje à tarde... As cordas com que me tinhas prendido foram ficando lassas — acho que sabias disso — e consegui soltar-me... Finalmente. Não perdi tempo. Meti umas roupas numa mala e fui buscar a Ana ao hospital. Ficou contente com a surpresa, estava satisfeita por irmos de fim de semana. Só quando estávamos a jantar é que lhe expliquei que não íamos voltar. Vi nos olhos dela que achava que eu tinha enlouquecido... Eu não estava louco. Já não estava louco. Mas a Ana achou que sim. Os olhos dela apavorados... Não podíamos voltar para casa, voltar para trás. Sabia que estavas aqui... Foi então que ela disse “Acho que estou grávida, ia contar-te quando tivesse a certeza”... (Pedro 1 para de cavar; enterra a pá) Pronto, já chega... O que é que eu podia fazer?

Pedro 1 saca um revólver.

PEDRO 1: Viemos em silêncio o caminho todo de regresso.

Pedro 1 aponta o revólver a Pedro 2.

PEDRO 2: Calma. Tem calma.

Pedro 2 saca também um revólver e aponta-o a Pedro 1.

PEDRO 1: Esperei que a Ana adormecesse e fui ter contigo lá acima. Sabia que estarias lá.

PEDRO 2: Não faças isso.

PEDRO 1: Não tive alternativa.

Pedro 1 dispara vários tiros. Pedro 2 reage e dispara também.

PEDRO 1: (sorrindo) Pólvora seca... Matar não custa, vêς?...
E morrer não dói.

Pedro 1 cai morto.





Este livro foi produzido
na cidade do Rio de Janeiro
pela Fundação Nacional de Artes – Funarte
e impresso na Gráfica Imos em 2012
com arquivos fornecidos pela Funarte.